

O que aconteceu em El Salvador?

Via [Rebelión](#)

Bukele é um produto efêmero da crise abismal do sistema de partidos políticos associada à perpetuação do neoliberalismo que observamos hoje no mundo e particularmente na região.

A vitória esmagadora alcançada pelo presidente salvadorenho Nayib Bukele nas eleições do último domingo significa que ele controlará uma maioria absoluta na Assembleia Legislativa e a maioria dos municípios do país. Embora tenha entrado na política e governado a capital representando a ex-guerrilheira Farabundo Marti Frente de Libertação Nacional, em seu governo presidencial tornou-se um portador padrão do neoliberalismo recarregado, em lua-de-mel com Trump, um aventureiro político farto de ambições pessoais e pretensões autoritárias ostensivas, homem antiético como o magnata de Nova York. No entanto, ele tem um índice espetacular de 71% de popularidade e já havia varrido as eleições presidenciais de 2019, nas quais ele ganhou 53% dos votos. Nessas eleições, o candidato da ARENA, o partido tradicional de direita, obteve 31,72% dos votos. Mas foi muito pior para o porta-estandarte do FMLN, que, após dois períodos consecutivos do governo FMLN, não obteve sequer 15% dos votos. Este fato mostrou a enorme insatisfação dos eleitores com a gestão governamental da FMLN, uma organização que desde a luta armada e após os acordos de paz, quando se tornou um partido político, defendeu dignamente as bandeiras da esquerda no país e ganhou importante reconhecimento entre seus homólogos na América Latina e no Caribe. Seu prestigioso e esclarecido líder, Schafik Handal, que morreu em 2006, tornou-se um dos mais proeminentes líderes de esquerda em nossa região.

Mas se o resultado obtido pela ex-guerrilha nas eleições

presidenciais de 2019 foi famélico, na eleição do último domingo quase desapareceu como opção eleitoral e isso significa que não pode mais adiar um exame de consciência profundo e doloroso, acompanhado fraternalmente por seus pares na região. Com todo respeito, muitas coisas devem ter sido feitas de forma errada e muitas inadequações devem ter existido no trabalho da FMLN, especialmente nos 10 anos em que esteve no governo, para chegar a uma situação em que não poucos de seus militantes e simpatizantes votaram nos partidos de Bukele, a opção mais representativa dos interesses do imperialismo e do neoliberalismo dos EUA no país centro-americano, agora que a ARENA está desaparecendo. Bukele é um produto efêmero da crise abismal do sistema de partidos políticos associada à perpetuação do neoliberalismo que observamos hoje no mundo e particularmente na América Latina e no Caribe. A democracia é cada vez mais incompatível com o neoliberalismo.

Com a correlação de forças que 66% dos votos lhe dará na legislatura, Bukele pode aprovar, sem negociar com outras partes, qualquer legislação de seu interesse, nomear um terço dos juizes da Suprema Corte, o Procurador Geral, os membros do Tribunal de Contas e até mesmo modificar a Constituição, incluindo a extensão dos mandatos presidenciais para mais de um. Mais de um observador disse nos últimos dias que a votação de domingo equivale a eleger uma ditadura pelo voto popular. Mesmo sem os poderes extraordinários que terá agora e sem representação parlamentar, o chefe executivo recusou-se a tornar transparente como gastou um empréstimo do FMI solicitado para lidar com a pandemia, não entregou os fundos para os governos municipais sem saber como foram gastos e invadidos na Assembleia Legislativa, escoltados por soldados e policiais, para exigir a aprovação de um orçamento adicional para seus planos de segurança.

Alega-se que parte dos fundos destinados à pandemia foram distribuídos ilegalmente durante a campanha eleitoral para

seus apoiadores na forma de pacotes de alimentos e bônus por Nuevas Ideas e Gana, os partidos do presidente. Ele instigou uma campanha de ódio contra a oposição, especialmente a FMLN, dois dos quais apoiadores foram mortos no meio da capital há alguns dias pelas forças de segurança. Bukele sobreendividou o país e vai enfrentar uma situação econômica e social muito difícil. Enquanto isso, o FMI exigirá cortes no investimento social quando o país mais precisa dele. Não será fácil se a FMLN fizer uma profunda autocrítica e sair para desenvolver um programa de oposição radical com as organizações de base. O neoliberalismo já é insustentável e tem hoje uma vida muito limitada, como demonstram Argentina e Bolívia. Embora Bukele seja muito hábil, como já vimos, em elaborar mensagens à la carte para os diferentes setores e adepto da publicidade e das redes, a dura realidade, mais cedo ou mais tarde, apontará as pessoas na direção certa, desde que ele tenha uma liderança dedicada e comprometida com seus interesses.